

Professores precisam de mais qualificação e prática em sala

Pedro Zuazo

Publicado no jornal **O Globo (RJ)**

“É como se, na falta do médico, contratássemos um enfermeiro para fazer a cirurgia. Fazemos isso todo dia no campo da Educação”. A frase da pedagoga e pesquisadora Paula Louzano não foi proferida como uma provocação isolada, mas um alerta para a urgência de se repensar o processo de formação de Docentes no Brasil. O tema foi debatido ontem, no encontro internacional Educação 360, na mesa “O Professor de que precisamos. Como formá-lo, hoje e amanhã”. No mesmo debate, Beatriz Cardoso, diretora executiva do Laboratório de Educação, chamou a atenção para o papel do Docente. A mediação ficou por conta de Paulo de Camargo, jornalista especializado em Educação.

— Embora a maioria dos Professores tenha formação superior, um quarto deles não tem formação na disciplina que leciona. Quando a gente olha especificamente para a área de exatas, esse número é ainda maior. Isso mostra o pouco cuidado que há. Professores dão aula sem ter sido formados para aquilo. Duvido que a sociedade brasileira aceitaria da mesma maneira se tentássemos fazer isso na área médica — afirmou Paula, baseando-se numa pesquisa feita pela USP com Professores do segundo segmento do Ensino fundamental.

Refletindo sobre a formação ideal de Professores, a Educadora citou quatro pilares: residência pedagógica, análise de Ensino e aprendizagem, estudos de caso e pesquisas sobre a prática Docente.

— As pesquisas têm mostrado que uma Educação de qualidade só se constrói quando a formação do Professor é centrada na prática. Hoje, o Educador é jogado na sala de aula sem passar pela experiência de ser Professor. A formação desse profissional, que atua de maneira prática, deveria ser muito similar à de um médico. Isso é uma questão de política pública — disse Paula.

SABER COMO PROVOCAR O APRENDIZADO

Beatriz Cardoso ressaltou que a linguagem é a base de toda aprendizagem. Para ela, assim como os óculos ampliam a visão, a linguagem amplia o pensamento.

— Não se trata apenas de criar Escolas e oferecer bibliotecas. O acesso não garante a apropriação. O divisor de águas é saber como provocar, quais são as práticas interativas adequadas, como criar condições para uso e produção de linguagem, enfim, entender melhor o papel do Professor e da Escola — explicou.

Ao fazer uma análise sobre o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, programa do governo federal instituído em 2013, Beatriz criticou o fato de a formação de Docentes ter ficado a cargo das universidades parceiras, isoladamente.

— Um programa desse tamanho tem que criar mecanismos de acompanhamento, de discussão permanente, num trabalho formativo que os Professores precisam continuar recebendo. Tem que dar suporte para que eles sejam capazes de produzir — explicou.

O fortalecimento das estruturas públicas é um dos grandes desafios, segundo Beatriz, para a melhoria da Educação. E ela não parou por aí. Assim como Paula, destacou a importância da profissionalização, além da participação das famílias e da comunidade no processo educacional.

* Errata: Na apresentação Beatriz valorizou a decisão de envolver as universidades como mais uma instituição responsável pelo PNAIC, mas chamou atenção para a necessidade de se criarem mecanismos de acompanhamento do trabalho formativo de forma a gerar insumos para a correção de rumos.

** Reportagem publicada somente em veículo impresso